

Almeida Garrett (1799-1854)

Cronologia de algumas obras de Garrett

Camões - 1825

Bosquejo da história da Poesia e Língua Portuguesa - 1826 (Publicado no *Parnaso Lusitano*)

D. Branca - 1826

Lirica de João Mínimo - 1829

Portugal na Balança da Europa - 1830

O Alfageme de Santarém - 1842

Viagens na Minha Terra - 1843 (ago.-dez.), 1845(em volume, 1846)

Romanceiro (recolha) – vol I 1843, vol. II e III 1851.

Frei Luís de Sousa - 1844

O Arco de Sant'Ana - 1845,1850

Flores sem Fruto – 1845

Folhas Caídas - 1853

Podemos notar que a produção de Garrett atravessa vários gêneros: teatro, poesia lírica, poesia narrativa, romance, narrativas várias, obras de reflexão. Além de ter produzido obras em vários gêneros, são dele três obras fundamentais, em três gêneros distintos: a narrativa *Viagens na Minha Terra*, a peça *Frei Luís de Sousa*, e o livro de poesias *Folhas Caídas*. Foi também Garrett quem, oficialmente, introduziu o Romantismo em Portugal, com *Camões*, e produziu o primeiro romance de cunho histórico, lançando em 1845 a primeira parte de *O Arco de Sant'Ana*.

Folhas Caídas

O livro teve um imenso sucesso quando foi lançado, em parte pois os leitores acharam que ele era uma espécie de diário poético da relação amorosa que Garrett teve com uma mulher casada, a Viscondessa da Luz, que se chamava Rosa Montufar. As inúmeras referências a rosas no livro foram lidas como referências à sua amante. Uma leitura interessante sobre a presença das rosas no livro é o texto “Rosas cruzadas – a poesia de Almeida Garrett” de Jorge Fernandes da Silveira. Além de “Cascais”, poema que analiso em “Camões e Garrett: navegações de Restelo a Cascais”, gostaria de fazer uma breve referência a um outro poema, “Barca Bela”, em que também aparece uma ligação entre o amor e o mar.

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela.
Que é tão bela,
Oh pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lança com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Oh pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela,
Só de vê-la,

Oh pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, foge dela
Foge dela
Oh pescador!

No poema se opõem um eu lírico, que dá conselhos, e um pescador que, indiferente aos conselhos, segue a sua sina. Os conselhos dados pelo eu lírico pressupõe que ele já sabe (por já ter vivido) o que ocorrerá ao pescador. Mas os seus conselhos se mostram inúteis: o pescador segue o seu destino, sem ouvi-lo. Podemos assim supor que temos aqui tematizada a questão do conhecimento: parece que o conhecer só é possível pelo viver, pela experiência. O conhecer de outro não serve ao eu, que precisa passar pela experiência para aprender, mesmo quando essa experiência significa a perdição. O pescador precisa perder-se, pois só após isso terá o conhecimento que o eu lírico já possui. Esta importância do vivido também será central em “Cascais”.

“Cascais”

Movimento geral do poema:

Três primeiras estrofes: descreve um lugar inóspito, um quase inferno, e termina estas estrofes com o verso: "Aí foi um Céu na Terra."

Acabava ali a Terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta árida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
De selvagem natureza.

Aí, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal medrados,
Seco o rio, seca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Aí nessa bruta serra,
Aí foi um Céu na Terra.

Cinco estrofes seguintes (4-8): descrevem um paraíso

Ali sós no mundo, sós,
Santo Deus!, como vivemos!
Como éramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida

De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ela vivia em mim,
Como eu tinha nela tudo,
Minha alma em sua razão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aqueles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Séculos na intensidade,
Por milênios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai!, sim, foi a tragos largos,
Longos, fundos que a bebi
Do prazer a taça – amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ela deixou...
Mas como eu ninguém gozou.

Ninguém: que é preciso amar
Como eu amei – ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se há dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se anula perdida.

Três estrofes finais: falam do desencanto e a última retoma de forma explícita o inferno das primeiras estrofes.

Ai, ai!, que pesados anos
Tardios depois vieram!
Oh!, que fatais desenganos,
Ramo a ramo, a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a Terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquele sítio encantado.
Certo estou não conhecê-lo,
Tão outro estará mudado,
Mudado como eu, como ela,
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda ali acaba a Terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquela visão da serra

Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
Dessa agreste natureza.

Temos assim um poema dividido de forma harmônica (5 estrofes centrais, *enquadradas* por 3 estrofes antes e 3 depois) e, em certo sentido, cíclico, pois a estrofe final retoma o começo do poema.

Análise das cinco estrofes centrais:

A quarta estrofe mostra a criação de um espaço isolado do mundo. O 'Céu', apontado na estrofe anterior, é criado pelo isolamento: 'sós no mundo', 'éramos tudo nós/E de nada mais soubemos', 'De tudo mais esquecida'

Este espaço mágico e isolado permite a criação do paraíso, um paraíso dado por Deus a seus escolhidos (est. 6) e onde a magia maior do amor pode ocorrer: a destruição do eu, que porém recebe, da destruição do outro as condições para continuar vivendo (est. 5 e 8). Desta forma o amor permite uma experiência única, que é a superação da individualidade e a criação de um ser duplo, em que dois sujeitos se fundem em um só, em que não mais é possível definir o que é de um e o que é do outro.

Porém, no interior desta própria parte em que é indicado o paraíso já está marcada a sua destruição. Destruição que implicitamente aparece no 'horas fugidias' da estrofe 6, em que está indicado que esta experiência só pode ser, no tempo cronológico, passageira (por mais que no tempo psicológico possa, enquanto dura, parecer eterna: 'séculos na intensidade'), e que na estrofe 7 fica explícito "(...) Amargos /Depois os senti/ Os travos que ela deixou". O paraíso, por sua própria intensidade, só pode ser passageiro, e deixa no sujeito o gosto amargo de ser, depois de vivido, irrecuperável.

Análise das três estrofes finais:

Elas explicitam a posterior destruição do paraíso, que já havia sido apontada: o peso dos anos posteriores que apresentam uma perda irrecuperável. Existe nesta parte também uma homologia entre o eu e o espaço: os desenganos, que destroem a felicidade do sujeito "Ramo a ramo, a desfizeram / A minha choça na serra", "Tão outro estará mudado, / Mudado como eu, como ela, / Que a vejo sem conhecê-la". Esta homologia nos permite uma nova leitura do poema: A descrição de Cascais é, de fato, a descrição do próprio eu lírico, antes, durante e depois da experiência que teve: a paisagem é um reflexo de sua essência, que saiu do inferno e a ele retornou, tendo porém passado pela experiência do paraíso.

Um último aspecto importante para notarmos nesta poesia é justamente a forma como se apropria do conceito de paraíso, presente na mitologia cristã, e o redefine: é o amor, incluindo o sexo (expresso de forma eufemística pelos "longos beijos sem fim"), que permitem ao homem reconquistar o paraíso, recriá-lo na Terra. A maldição humana que destrói este paraíso não é a maçã (com seu duplo significado de sexo/ conhecimento) mas a incapacidade de tornar eterna esta relação de total simbiose com outro ser. O tempo e os desenganos acabam por destruí-lo.

Mas qual a relação deste poema com *Os Lusíadas*?

Notemos que o poema começa com o verso "Acabava ali a Terra", que será transmutado, na nona estrofe, em "Lá onde se acaba a Terra!", e na estrofe final em "Inda ali acaba a Terra". Em

relação a esse verso, retomado de formas distintas três vezes no poema, é clara a sua relação com *Os Lusíadas*. Quando nesta epopeia Vasco da Gama está a descrever geograficamente seu país ele afirma:

Eis aqui, quase no cume da cabeça
De Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no oceano.

A referência à mais importante epopeia portuguesa ocorre em um poema que, devemos notar, não deixa de ter seu caráter épico. Se, como já havia indicado Helder Macedo em relação a *Viagens na minha terra*, em toda a épica o viajante alcança, no fim da jornada, um nível de conhecimento superior ao que era o seu quando a iniciou, também o eu lírico do poema ganhou um conhecimento superior. Além disso, se em *Os Lusíadas* os portugueses eram os escolhidos por Deus para espalhar pelo mundo a fé cristã, o eu lírico de “Cascais” não esquecerá de indicar que a sua experiência também só é dada para os eleitos:

Os anjos aqueles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Séculos na intensidade,
Por milênios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Mas a *odisseia*, construída no poema, nada tem de coletiva. Foi uma experiência pessoal, pela qual o eu passou, em um espaço isolado, junto com sua amada. A ausência do coletivo, em um poema que tem em *Os Lusíadas* como um de seus intertextos, parece indicar que, para esse último Garrett, apenas individualmente pode-se chegar a uma *Iha dos Amores*. Ela não é o prêmio de um esforço coletivo. O país, que tão amorosamente tentara regenerar, como indiquei em meu texto “De Camões a Garrett: navegações de Restelo a Cascais”, está aqui ausente, e apenas fornece um substrato cultural que permite ao eu construir a sua epopeia solitária.